

FORMAÇÃO COLABORATIVA DE PROFESSORES DE LÍNGUA MEDIANTE O USO DA *WEB*: O DESAFIO DA ESCOLA PÚBLICA

Jesiel Soares SILVA¹ (PG/UFG)
fassiedojob@yahoo.com.br
Eliane Carolina de OLIVEIRA (orientadora)

Palavras-chave: Formação de professores – Internet – Ensino de língua -
Autonomia

Introdução

Nas últimas décadas os estudos sobre formação de professores têm se preocupado, em grande parte dos seus empreendimentos, com as questões das mudanças nas práticas docentes advindas do o avanço das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e com as novas práticas educacionais que emergem devido a essas mudanças (BENSON, 1997; CRYSTAL, 2001; DOWBOR, 2000; LÉVY, 1999).

Baseado nessas questões, este trabalho pretende expor e discutir o arcabouço teórico de uma pesquisa que está sendo feita junto a um grupo de professores de língua inglesa que atuam em escolas públicas regulares.

O grupo P.L.A.T.A.FORMA (Professor de Línguas: Autonomia, Tecnologia, Ação e Formação) é formado por mim, como professor-coordenador, juntamente com cinco professores de língua inglesa que atuam na rede pública de ensino. As reuniões, que acontecem de maneira presencial e virtual, são a base das discussões, interações e apontamentos do grupo. O objetivo maior do grupo é a apresentação, aplicação e discussão de ferramentas virtuais no ensino de língua inglesa no intuito de se proporcionar para o aprendiz, ambientes propícios a uma aprendizagem autônoma, colaborativa através da interação.

Através das ferramentas apresentadas, discutidas e aplicadas e das discussões feitas entre os professores, tanto nos ambientes virtuais como nos presenciais, buscar-se-ão indícios de uma construção colaborativa da prática docente, além da interação entre os professores durante o empreendimento da pesquisa.

Para subsidiar tal empreitada de pesquisa, recorreremos literatura que

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

aborda as questões de autonomia no ensino aprendizagem de língua, além das principais bases teóricas da formação do professor de línguas como um intelectual que reflete sobre sua prática; e todo esse quadro teórico será discutido mediante o uso dos recursos tecnológicos nas práticas educacionais, sobretudo no ensino/aprendizagem de línguas (CALL).

Um breve histórico do CALL e as bases teóricas que fundamentam sua constituição

O CALL (Computer-Assisted Language Learning), termo em que se refere ao ensino/aprendizagem de línguas mediado por computador, tem hoje uma grande importância nos estudos de aquisição de língua estrangeira, mas percorreu um longo caminho histórico até chegar a estas novas configurações. Fazendo um panorama histórico sobre o surgimento e a evolução do CALL, podemos identificar três etapas: behaviorista, comunicativo e integrativo.

Podemos definir a primeira fase do ensino de línguas mediado por computador como behaviorista (anos 70), pois a prática pedagógica baseava-se na utilização do computador como tutor com a função de transmissão e processamento de atividades pré-programadas preparadas pelas instituições de ensino (*drills and practice*).

No fim da década de 70, com o surgimento da abordagem comunicativa que trouxe para o campo dos estudos de aprendizagem de línguas uma abordagem mais humanista e comunicativa aliada ao surgimento dos microcomputadores e o acesso mais barato a essa tecnologia, surge o CALL de orientação comunicativa, que vai além do anterior, pois leva em conta a complexidade do uso interativo da linguagem presentes em vários contextos.

Com o surgimento da internet e a multimídia, as possibilidades do ensino de línguas mediado pelo computador atingiram níveis antes impensados. Para Warschauer e Healey (1998), essas novas atividades de CALL proporcionadas pelo advento das novas tecnologias relacionam-se diretamente com as economias baseadas na informação que ganham força neste mesmo momento histórico. Nesse aspecto, técnicas como memorização e repetição não são capazes de abranger o número de informações proposto por esses novos adventos.

Autonomia, Interação e tecnologia: o papel do professor

Nos processos de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, a ideia de autonomia no processo de construção do conhecimento tem sido muito discutida no campo dos estudos linguísticos, sobretudo nas últimas décadas com o surgimento do CALL. De acordo com Paiva e Vieira (2005), a tentativa de se definir autonomia pode ser árdua porque “há poucos contextos onde os aprendizes podem, realmente, ser autônomos. Os alunos, raramente, estão totalmente livres de interferência de fatores externos que funcionam como obstáculos para a desejada autonomia” (PAIVA *apud* PAIVA; VIEIRA, 2005).

Quando se fala em computador e suas possibilidades tecnológicas, especialmente a Internet, pensa-se em um sistema técnico comandado por *softwares* e aplicativos e/ou nos provedores que possibilitam as conexões *on-line*; entretanto se pensarmos na Internet de maneira mais abrangente e funcional, poderemos concluir que se trata um advento de caráter social e globalizador. Tim Berners-Lee afirma que “A *web* é uma criação social muito mais que uma criação técnica” (BERNERS-LEE, 1998 *apud* CRYSTAL, 2001, p.3).

A popularização dos computadores pessoais, a facilidade se conectar à internet e o constante aprimoramento dos recursos disponibilizados têm contribuído para a utilização da internet tanto no ensino à distância quanto na sala de aula de línguas. Consequentemente, professores que acreditam na produção do conhecimento ao invés da transmissão, que acreditam na interação como forma de aprendizagem tem um longo e vasto campo a ser desvendado. Para Dowbor (2000 p. 17):

[m]udam as tecnologias, mas também muda o mundo que devemos estudar, e precisam mudar as próprias formas de ensino. A informática não é apenas a chegada de novas máquinas. E, neste caso, não resolve sequer a mentalidade do “manual de instruções”: a compreensão das novas dinâmicas ainda está em plena construção.

Conscientes desse desafio, devemos procurar novas formas de produzir conhecimento, novos meios de se teorizar a aprendizagem, rever alguns conceitos e desenvolver um arcabouço teórico capaz de atingir essas novas mudanças e essa nova geração que Sharma e Barret (2007, p. 11) chamam de *nativos digitais* e

Crystal (2001, p. 03) denomina de *netizens*.²

Apenas usar a internet no ensino à distância ou nas atividades em sala de aula não constitui, entretanto, um processo autônomo de aprendizagem. É preciso buscar ferramentas que promovam uma autonomia legítima. Para Oxford, (1990) apenas ensinar novas estratégias para se acessar os *web sites* ou escolher previamente os endereços que serão acessados juntos com os aprendizes não contribuirá para que eles tenham interesse de ir em busca e produzir o seu conhecimento. Todo processo tem que ser centrado no aprendiz e não no professor, dessa forma o trabalho colaborativo é mais importante do que a fala única do professor (FLEISHER *in* PAIVA, 2001).

Quando se trata de autonomia do aprendiz é importante estarmos cientes do papel do professor nesse processo como um promotor da autonomia, como um cidadão reflexivo que contribua para a construção de um ambiente de aprendizagem propício à autonomia dos sujeitos-aprendizes. Para Freire (1996), a tarefa do educador é “desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado” (p. 38). Para Benson e Voller (1997, p. 09) a questão central em relação ao papel do professor quando se trata de aprendizagem de línguas de maneira autônoma é “se é possível “ensinar” aos aprendizes como ser autônomos sem, ao mesmo tempo, negar sua própria autonomia”.

Quando se fala da escolha das atividades e/ou ferramentas a serem usadas, o professor precisa ficar atento à individualidade de cada aluno e procurar caminhos para desenvolver sua prática baseando-se no estilo de cada um. Para Freire (1996, p.59), o professor que não leva em conta o gosto estético do aprendiz, o seu gosto pessoal, a sua forma de ver as coisas, “transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência”. Sobre este mesmo aspecto, Sheerin (1997, p. 55) afirma que “os aprendizes possuem diferentes estilos de aprendizagem e preferências nos tipos de atividades e eles podem ter linguagens diferentes provindas dos seus ambientes de trabalho ou estudos” e o professor precisa ficar atento a esses aspectos ao utilizar uma ferramenta ou uma atividade *on-line*.

² *Netizen* é a junção do termo NET como definição da internet e CITIZEN que é a palavra em Inglês para CIDADÃO, simbolizando assim o cidadão de um novo lugar que surgiu (a internet como território).

Considerações finais:

O estudo de caso aqui introduzido consistirá em uma de muitas pesquisas feitas na busca de ferramentas que proporcionem autonomia no aprendizado de língua estrangeira, apesar de estar claro que o caminho ainda é longo e árduo. A cada minuto que passa a tecnologia muda drasticamente, as relações humanas atingem novos patamares e a estrutura educacional precisa estar atenta a esta mudança acompanhando os novos *nativos digitais* que são *netizens* de um novo mundo. Espera-se que esta pesquisa, ao ser concluída, contribua com o campo linguístico que focaliza o CALL com bases teóricas e de dados para aqueles que pretendem partilhar desse mundo de transição onde os papéis do professor e do aluno mudam, onde a idéia de presencial e real torna questionável e, vários conceitos linguísticos, até então exatos, começam a ser desconstruídos.

Referências

- BENSON, P. The philosophy and politics of learner autonomy in: BENSON, P. & VOLLER, P (Ed.) *Autonomy & independence in language learning*. New York: Longman, 1997.
- _____; VOLLER, P (Ed.) *Autonomy & independence in language learning*. New York: Longman, 1997.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DOWBOR, L. *A educação frente às novas tecnologias do conhecimento*. 2000. Disponível em <<http://www.ppbr.com/ld/educfrente.html>> Acesso em 22/ abril/09.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia, saberes necessário à prática discursiva*. São Paulo: paz e terra, 1996 (coleção leitura)
- LEVY, M. *Computer-Assisted Language Learning, Context and Conceptualization*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa: São Paulo: Ed. 34, 1999.
- OXFORD, R. *Language learning strategies: What every teacher should know*. Boston: Heinle & Heinle, 1990.
- PAIVA, V. L. M.O. *Interação de aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: faculdade de Letras, UFMG, 2001.
- _____; VIEIRA, L. I. C. V. *A formação do professor e a autonomia na aprendizagem de língua inglesa no ensino básico*. 2005. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/enpuli2005.htm>> Acesso em 25/05/09.
- SHARMA, P., BARRET, B. *Blended learning: using technology in and beyond the language classroom*. Oxford: Macmillan, 2007.
- SHEERIN, S. An exploration of the relationship between self access and independent learning. In: BENSON, P. and VOLLER, P. *Autonomy and independence in language learning*, new York: Longman, 1997.
- WARSCHAUER M.; HEALEY, D. Computers and language learning: an overview". *Language Teaching*, vol. 31 no. 2, 57-71, 1998.